



PERDA

Olhou para cima. O céu estava colorido com uma escala de cores em laranja, e a brisa morna de junho beijava seu rosto. Aquele poderia ter sido um maravilhoso fim de tarde na movimentada Manhattan. Não para ela. Cambaleante, adentrou seu cubículo mal arejado, ajeitando os desgrenhados cabelos escarlates. Acendeu um cigarro, sentou na poltrona em frente ao gramofone e tentou acalmar seu palpitante coração.

Tudo o que acontecera há (seis?) horas parecia um delírio. O cortante telefonema, que silenciara seus pensamentos, agira como uma bala em seu cérebro. Ainda se lembrava das vagas palavras saindo do aparelho, ecoando em sua mente.

Apanhou seu casaco, preparou uma xícara de café e deixou o pequeno prédio esmagado entre as imponentes construções ianques. Desespero, nada além disso. Desespero em relação ao futuro próximo. O mundo girava como um cata-vento, ela não conseguia acompanhar tão insistente rotação. Todos pareciam contentes em Madison Square, satisfeitos com o próprio sucesso financeiro. As garotas riam histericamente, enquanto famílias devoravam hambúrgueres.

- Ninguém é mais triste que eu - resmungou em um tom de voz imperceptível.

Nunca conhecera sensação pior que aquela. A sensação do desconhecido, do inesperado. Encontrando o endereço, abriu a enorme porta esculpida em carvalho. A figura materna sustentava-se na escadaria de forma cambaleante, seu par de olhos negros seguia os passos da filha que tanto sofria. Ajeitando o vestido póstumo, encolheu-se em um movimento de tentativa de autoconforto.

- O que realmente aconteceu? - perguntou a garota.

A mãe tentou articular as palavras, sem êxito. Caiu aos prantos. Em meio a tão grande desespero, ouviu-se uma frase tão inesperada quanto a própria situação.

- Ele morreu.